



## A presença de Galeno no Lapidário de Alfonso X, O Sábio

Carlinda Maria Fischer Mattos<sup>1</sup>

Produzir medicamentos exige uma série de operações mentais sofisticadas. Significa identificar as propriedades dos corpos, coletá-los, processá-los e prepará-los de forma a extrair os componentes que possuem a virtude desejada.

Mas identificar os corpos que contém tais princípios e o lugar onde se encontram, processá-los e administrá-los são procedimentos que dependem de uma percepção culturalmente informada, onde os seres ganham seu lugar, seu sentido e seu valor.

E, por esse motivo, herbanários, receituários e lapidários medievais constituem-se documentos preciosos, na medida em que nos oferecem a possibilidade de investigar e tentar apreender, entre tantos temas, a maneira como não apenas as doenças, mas também as pedras, as plantas e os animais empregados na confecção dos remédios eram percebidos e valorados pelos homens que viveram nesse período, as propriedades que lhes conferiam, a forma como os classificavam.

Justifica-se, portanto, a escolha do *Lapidário*<sup>2</sup>, obra de origem muçulmana traduzida na corte do reino de Leão e Castela, em 1250, a mando daquele que, em breve, seria o rei Alfonso X, o Sábio (1252-1284). E, ainda, sendo um lapidário astrológico, ele associa às receitas seres que habitam do interior da terra ao alto do céu. Por fim, esse documento é traduzido justamente num momento em que as obras naturais de Aristóteles e obras médicas de cunho galênico, e do próprio Galeno, estão sendo reintroduzidas no Ocidente cristão, trazendo novos paradigmas na forma de

entender o mundo e os seres. Tais paradigmas começam a ser reincorporados no Ocidente nos séculos XII e XIII com a onda de traduções que ocorrem em Salerno, Chartres, Toledo e outras regiões.

O *Lapidário*, atribuído a Abolays – sábio muçulmano cuja identidade ainda hoje é discutida –, foi traduzido para o castelhano, pelo médico judeu Hyud fy de Mosse al-Cohen Mosca, auxiliado pelo clérigo Garcí Pérez. Referências a outros autores e obras no interior do texto levam a crer que o documento original teria sido redigido entre os séculos X e XI, mas em local também incerto.

Nele são descritas 360 pedras, cada uma vinculada a um dos 360° do círculo do Zodíaco, trinta pedras – e graus – correspondendo a um dos 12 signos. Cada pedra é cunhada por uma estrela da constelação zodiacal, da qual recebe todas as suas características, desde sua composição elementar, ou seja, a quantidade de calor, frio, umidade ou secura que ela possui, suas propriedades curativas decorrentes de tal composição – como a propriedade secativa –, até aquelas, operativas e mágicas, que não decorrem da quantidade e combinação dos elementos que a compõe, mas tão somente da estrela que a cunha – como o poder de afastar víboras, por exemplo.

Entre os males do corpo, o *Lapidário* cita e recomenda usos de pedras para o tratamento da hidropisia, sarna, artroses, lepra, envenenamentos, problemas de rins, fígado, estômago, olhos, bexiga, entre outros. Mas também são empregadas na pigmentação dos cabelos, para a preservação dos bens, para a aquisição da oratória, para a proteção contra feitiços, contra espíritos assustadores, para a conservação dos alimentos, por exemplo.

Algumas dessas faziam parte do repertório tradicional, passadas de geração a geração; outras se apoiavam em idéias populares correntes; outras, ainda, ancoravam-se em teorias bastante sofisticadas, oriundas de meios cultos.

Segundo Galeno, os seres são qualificados como frios e úmidos, frios e secos, quentes e úmidos ou quentes e secos, nos graus de 1 a 4, que correspondem desde a ação inaparente, mas eficiente, até a ação mais veemente (calor, frio, secura ou umidade extremas). O *Lapidário*, inspirando-se nele, classifica a constituição das pedras em termos muito semelhantes:

[27.] Da pedra que tem nome de libi, por exemplo.

Do XXVII grau do signo de Áries. Por sua natureza, ela é quente no começo do primeiro grau e seca no começo do segundo. [...] e acham-na numa terra que se chama Líbia, numa cova que está no fundo de um monte a que chamam de Corcor<sup>3</sup>.

A avaliação dos graus é feita, segundo Galeno, pela mão do homem que, de todos os seres, é o de natureza mais equilibrada, temperada<sup>4</sup>. Quando por excesso ou carência de algum desses componentes o homem fica doente, deve empregar seres que, por serem menos equilibrados, os têm em excesso nesse mesmo grau, ou possuem o elemento contrário concernente à doença.

Também no Lapidário o homem é o ser mais apto a receber tratamentos com remédios, pois está mais apto a sofrer seus efeitos, porque é o ser cuja compleição é mais equilibrada:

[49.] Da pedra querc. [...]. Os médicos daquela terra [, a Índia] colocam essa pedra nas medicinas dos olhos [...], para tratar a mancha branca, em qualquer animal que a tenha - mas, sobretudo no homem, por que é mais ordenado a sofrer o efeito das medicinas<sup>5</sup>.

Quanto mais próximos aos homens, mais equilibrados são os seres.

É da composição elementar de cada ser que provém as propriedades curativas mais evidentes. Divididas entre quentes e secas, quentes e úmidas, frias e úmidas, frias e secas, as pedras, segundo o *Lapidário*, podem agir por ambas ou por apenas uma das qualidades que as constituem, dependendo do grau em que se manifestam. A hidropisia, por exemplo, que é descrita como o acúmulo de uma água amarela, quente e um tanto salgada no corpo e, particularmente, nas articulações, pode ser tratada por pedras que sejam secas e frias, ou secas e quentes, porque secam a umidade que caracteriza a doença; mas pode ser tratada, também, por pedras úmidas e frias, porque resfriam.

A maior parte das doenças é causada por excesso de umidade no corpo – gota, artrose, tísica, sarna –, que corresponde à flegma, cuja sede é a cabeça, embora todos os humores estejam misturados entre si e distribuídos pelo corpo – quando a pessoa está saudável. Mas os outros humores são também citados: requerem controle e, até mesmo, a purgação.

O pó das pedras que secam e aquecem, pode ser misturado à água e pingado no nariz e nos olhos, de modo a escorrer para o interior da cabeça, impedindo que a água desça dali e provoque a tísica nos pulmões. Ingeridas, secam e constroem os nervos, dando-lhes vigor, força – embora outras ajam de maneira tão incisiva e forte, que podem causar seu encolhimento. Nesse caso, faz-se o tratamento para umedecê-los e relaxá-los.

Os corpos dos homens e dos animais, sobre os quais são normalmente empregadas, adoecem quando o equilíbrio dos humores se altera. O *Lapidário* nos explica, por exemplo, que:

[57]. Do XXVII grau do signo de Touro é a pedra que acham no homem; [...]. Segundo definiram os sábios, os animais – menos o homem – têm os condutos largos, por onde correm os humores grossos e saem com a urina, mas o homem os tem estreitos e [por onde] não podem tão facilmente correr os humores e, detendo-se quando chegam a algum lugar onde há mais calor, coalham-se, pelo que vão se superpondo [...]”<sup>6</sup>.

Por outro lado, Galeno faz uso do princípio pneumático: o corpo seria dinamizado por uma energia sutil, absorvida junto com o ar que entra pelos órgãos da respiração. É o pneuma, qualificado no fígado, no coração e no cérebro que garantem o exercício das diversas faculdades dos seres, das mais concretas como a reprodução, digestão, excreção, às mais complexas como a percepção e o raciocínio.

Chamando o pneuma, de espírito, à moda latina, o *Lapidário* dá prova de sua vinculação a uma concepção pneumática e galênica ao nos explicar que os venenos matam porque expulsam aquele componente do corpo:

O veneno mata não por causa de sua compleição elementar, mas por uma má virtude que expulsa o espírito, ou pneuma, do corpo<sup>7</sup>.

O *Lapidário* menciona, ao longo do texto, o sangue do fígado, que é pneumatizado por esse órgão, e o sangue do coração, onde é alimentado pelo pneuma vital. O coração é a sede dos sentimentos: por isso o documento relaciona estreitamente a tristeza, a melancolia, o medo a um problema deste órgão físico: “Na arte da Medicina [a pedra *aljôfar*] é muito boa, pois alivia muito o tremor do coração e aos que são tristes ou medrosos, e toda a enfermidade que venha por melancolia, já que limpa o sangue do coração [...]”<sup>8</sup>.

Além das propriedades primeiras, quente, frio, úmido e seco, Galeno identifica outras, que decorrem daquelas, chamadas de secundárias. Ele as nomeia segundo seu modo de ação: são os maturativos, os emolientes, os endurecivos, os aglutinantes e opilativos, os resolutivos, os retentivos, os cateréticos, os cicatrizantes e incarnativos, os repercusivos, os alexíteros, etc<sup>9</sup>.

O *Lapidário*, por sua vez, menciona as virtudes secundárias das pedras, empregadas na cura de diversas doenças, e algumas vezes nomeia-as segundo o vocabulário técnico legado pela medicina galênica, como no exemplo a seguir:

[212]. Da pedra a que chamam de zequeth. [...]. Quando a queimam, faz uma chama e sai dela uma fumaça que cheira a alcatrão queimado. Incensando com ela a mulher que tem dor em sua natureza, sara logo, porque esta pedra é percussiva. [...] <sup>10</sup>.

A prática de incensar a vagina com a fumaça de pedras ou plantas medicamentosas está associada à idéia de que a fumaça leva consigo as propriedades curadoras e afeta os humores desregrados no interior do útero. Remédios repercussivos empurram os humores para o interior do corpo.

A leitura que o *Lapidário* faz dos postulados galênicos é bastante sofisticada, e faz referência a importantes aspectos dos princípios que orientam a prática do Médico, e poderíamos nos estender por páginas e páginas a apontar a presença dos princípios galênicos no *Lapidário*.

Mas quanto à classificação dos seres, é preciso dar ainda um passo. Pois não basta falar do mais e do menos no que concerne às qualidades elementares. Galeno foi um homem culto, fruto de sua época (129-200). Estudou com estóicos, platônicos, epicuristas, peripatéticos, agregando um lastro filosófico de grande envergadura à sua arte.

Embora Galeno não professe nenhuma doutrina filosófica específica, ainda que se desdiga freqüentemente, voltando a percorrer os caminhos de sua reflexão sob novas perspectivas, ele emprega uma formulação de cunho marcadamente aristotélico quando se refere à anterioridade lógica da forma na constituição dos seres; quando fala da finalidade de cada uma das partes do corpo; na idéia de que matéria e forma, assim como alma e corpo, são indissociáveis, por exemplo. A alma humana dispõe do corpo como algo que lhe é próprio, uno com ela, e definido segundo a finalidade que deve cumprir <sup>11</sup>.

A forma, ou a Natureza, como diz Galeno <sup>12</sup>, constrói os tecidos, os ossos, as cartilagens, os nervos, as veias, tudo de que o corpo tem necessidade, desde a semente fecundada no útero. Ela o faz atraindo os elementos de que necessita, empregando os quatro elementos primordiais e suas qualidades, transformando-os, dispondo-os segundo a função a ser desempenhada.

Aristóteles e Galeno - na sua esteira - estão atentos à maneira como os seres estão organizados anatômico-fisiologicamente para responder às funções básicas que promovem a vida: nutrição, digestão, excreção, reprodução etc. É pela maneira como os seres estão organizados para corresponder a tais faculdades que extraímos suas características fundamentais. É a forma, isto é, a alma - quando se trata dos seres vivos -, que reúne, de acordo com o gênero, diversas faculdades, das mais simples às mais complexas. As plantas possuem uma alma dotada

de faculdades vegetativas, que promovem a nutrição, a assimilação, o crescimento, a reprodução. Nos animais, a alma agrega as faculdades vegetativas às anímicas – sensação, desejo, locomoção. No ser humano, a alma reúne todas as demais, e agrega-lhes a racional<sup>13</sup>. As pedras não têm alma, mas age sobre elas a forma, impulsionada pelo movimento cósmico<sup>14</sup>.

Aristóteles introduz, assim, um método de classificação que se orienta pela divisão dos seres segundo sua morfologia e a função que seus órgãos realizam, separando-os em agrupamentos segundo relações mais extensas de semelhança e analogia. Apreendemos as características gerais, aquelas que se encontram num grande número de indivíduos: primeiramente, aquilo que é comum ao gênero, e depois, às espécies dentro dos gêneros. Entre os gêneros, há diferenças tão grandes que só as analogias são possíveis – o que são braços para o homem, são asas para as aves. Entre as espécies, as diferenças são orientadas pelo mais e pelo menos: asas maiores, asas menores, por exemplo.<sup>15</sup>

São categorias bastante rígidas, que admitem com certa dificuldade os seres híbridos e as mutações de uns seres em outros. Nesse caso, não é possível que homens venham a ser sapos, ou que mulheres venham a lhes dar à luz - salvo exceções, que não desmerecem a regra: semelhantes geram semelhantes.

Mas, se por um lado o *Lapidário* é consistentemente orientado pelos postulados galênicos, por outro, vemo-lo afastar-se pouco a pouco dessa maneira de entender os seres, orientada pela constituição anatômico-fisiológica dos corpos, para adotar outras balizas de classificação, fundamentadas numa outra percepção da natureza.

Se Galeno postulava uma faculdade atrativa da alma e da Natureza para reunir os elementos materiais que pudessem constituir os corpos, tal faculdade era tida como ação impessoal. No *Lapidário*, no entanto, vemos tais propriedades dos seres tomarem conotações volitivas, emotivas e morais: vemos as pedras cumprirem funções movidas por sentimentos, nutrindo apreço ou despreço pelo contato com substâncias, ou mesmo entre si.

[51.] Da pedra que foge do vinho. [...]: aborrece-lhe tanto o vinho, por sua natureza, que quando a colocam com ele, salta e foge dele muito rapidamente. [...]<sup>16</sup>.

[105]. Da pedra que foge do mel. [...] sua propriedade é tal que aborrece o mel, de forma que quando o colocam perto dela, esta salta e foge o quanto pode.(...)<sup>17</sup>.

O *Lapidário*, além disso, não se furta à apresentação de alguns seres maravilhosos, aliás, já conhecidos pelo repertório fantástico do Ocidente e do Oriente. *A pedra que foge do vinho*,

por exemplo, é encontrada na ilha de Alcuçun, vizinha da ilha Vacuac, onde há árvores cujos frutos são seres curiosos.

[51]. [...] a ilha a que chamam Vacuac, que tem este nome porque, segundo diz Ptolomeu, nascem naquela terra, nas árvores, umas frutas com figura de mulheres presas pelos cabelos; enquanto estão nas árvores, verdes, estão vivas e nunca deixam de dizer vacuac; e quando estão maduras, caem e morrem.[...]¹⁸.

O *Lapidário* aceita a idéia de que haja árvores que geram frutos vivos, movidos por um princípio anímico – que na teoria do Filósofo apenas seria exercida por animais –, e que são capazes de falar: “*vacuac*”.

O documento também admite que propriedades essenciais – como a presença de veneno no corpo de uma serpente ou outro animal peçonhento – possa ser adquirida por contato: algumas pedras tornam-se tóxicas por nascerem em lugares onde há seres venenosos, e é possível morrer com o contato que com elas se têm.

O diamante, por exemplo, tem virtudes venenosas, porque o sangue de animais peçonhentos que vivem onde ele nasce costuma banhá-lo, e não porque o veneno faça parte de sua natureza essencial.

Numa ordem de raciocínio semelhante, o *Lapidário* também admite a transformação de uma substância em outra, como vinho em água, ou como sangue em água, pelo poder de determinadas pedras ao serem imersas nos recipientes que os contém.

Entre vários exemplos dessas mudanças que podemos citar, a partir do *Lapidário*:

[195.] Da pedra que tem nome de caraheyxura.  
[...]. Tem outra virtude muito maravilhosa: se se coloca algo dela em algum vaso em que haja leite, torna-o logo sangue, em substância, cor, sabor e todas as suas qualidades¹⁹.

Com respeito ao sangue, tanto Galeno<sup>20</sup> quanto Aristóteles<sup>21</sup> entendem que sua geração ocorre dentro do corpo de uma boa parcela de seres vivos (animais e homens), pela complexa e fundamental transformação do alimento pela ação do fogo, do calor interior. Embora tais processos sejam explicados com algumas diferenças entre os dois autores, o fato é que, para ambos, tais transformações não são acidentais, mas substanciais – quando as mudanças que ocorrem resultam na transformação de uma substância<sup>22</sup> em outra, e que requerem, para tanto, uma disposição potencial inicial para virem a se transformar.

O lapidário menciona a transformação substancial de leite em sangue, a de vinho em água e assim por diante.

Enquanto nas teorias de cunho galênico e aristotélico o eixo explicativo gira em torno da idéia de que os seres capazes de realizar o maior número de faculdades são mais complexos, no *Lapidário* tal idéia convive bem com outros critérios de valoração, como o da proximidade e uso que dos seres se faz na vida dos homens. É a partir do grau de trocas que realizam com o ser humano, segundo o valor simbólico e religioso de que são investidos, que os diversos seres ganham seu lugar.

Os crocodilos, os cavalos e os leões são vistos como animais dotados de virtudes superiores, de comportamentos que os aproximam do homem. Cavalos e carneiros são animais mais nobres, por serem dóceis ao comando e úteis, e o cavalo o é ainda mais, por compartilhar sentimentos com seu dono. As pedras agem de maneira pontual sobre tais animais: a *camyulicaz*<sup>23</sup> age apenas sobre os cavalos; a *pedra que aparece no mar quando sobe Marte*<sup>24</sup> age sobre os leões; a *abçatritaz*<sup>25</sup> age sobre os crocodilos, a *nifiçer*<sup>26</sup> age sobre os quadrúpedes carnívoros, e não sobre outros animais. E ainda, o documento também separa animais domésticos dos selvagens: as pedras não agem sobre uns e outros de forma semelhante. Não são observados os comportamentos anatômico-fisiológicos dos corpos e de seus órgãos, porque nesse caso, os remédios agiriam sobre todos aqueles que têm constituição orgânica semelhante.

Os animais são classificados conforme o meio onde nascem e vivem: animais que vivem na e da terra são os menos apreciados. Animais aquáticos vivem num mundo tão diferente, têm comportamento tão frio, que frequentemente têm pedras no lugar do cérebro. Por outro lado, há frutos que o *Lapidário* aproxima do mundo humano – como aqueles com cabeças femininas, presas pelos cabelos aos galhos, e que falam ‘*vacuac*’, tal como mencionamos anteriormente.

Tentamos, assim, nesse breve apanhado, depreender as operações mentais que presidiram a atribuição de valores aos seres nesta obra específica, o *Lapidário* de Alfonso X. Trata-se de diferentes maneiras de ver o mundo, outros *registros* acerca do modo como ele funciona e se desdobra - vinculadas a uma tradição cultural que mergulha suas raízes em outros tempos e em outros lugares, por um lado, e a introdução de novos balizadores conceituais, como o galenismo, por outro. E essas diferentes formas de explicar os fenômenos, os animais, as plantas, as pedras e as gentes do mundo, coexistiram não apenas nos textos, mas naquele mundo em que viveram os

tradutores da obra e o próprio Alfonso X, bem como naquele daquele ou daqueles que a redigiram originalmente.

### Referências bibliográficas

ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las formas & imagenes* [Texto impresso]. Editado por Roderio C. Diman e Lynn W. Winget. Madison : Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1980. 178p.

ARISTOTE. *De l'âme*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1947. 236p.

\_\_\_\_\_. *Les météorologiques*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1941. 299p.

\_\_\_\_\_. *Les parties des animaux*. Trad. Pierre Louis. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1956. 193p.

ARISTOTLE. On Generation and Corruption. In: *The Works of Aristotle*. 26ªed. Trad. David Ross. Vol. 1. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1984. n. 314 a1-319b4

BÉNÉZET, Jean-Pierre. *Pharmacie et médicament en Méditerranée Occidentale (XIII-XVI<sup>e</sup> siècle)*. Paris: Honoré Champion Éd, 1999. 794p.

GALEN. Les facultés de l'âme suivent les tempéraments du corps. In: GALIEN. *L'âme et ses passions: Les passions et les erreurs de l'âme; Les facultés de l'âme suivent les tempéraments du corps* trad. et notes par Vincent Barras, Terpsichore Birchler, Anne-France Morand. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GALEN. On the natural faculties. In: HIPPOCRATIC Writtings. Vol. 10. Chicago/London: Encyclopaedia Britannica, Inc. Harvard University Press, 1952. P 44-63

GALIEN, Claude. *Deux livres des simples de Galien, c'est assçavoir le cinquiesme et le neufviesme, traduits de latin en françoys par ...Jehan Canappe*. Lyon: E. Dolet, 1542. In-8°, 162p.

---

<sup>1</sup> Doutora em História Medieval (UFRGS); Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

<sup>2</sup> ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las formas & imagenes* [Texto impresso]. Editado por Roderio C. Diman e Lynn W. Winget. Madison : Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1980. 178p.

<sup>3</sup> ALFONSO X, 1980, op cit., p.15

---

<sup>4</sup> GALIEN, Claude. *Deux livres des simples de Galien, c'est assçavoir le cinquiesme et le neufviesme, traduits de latin en françoys par ...Jehan Canappe*. Lyon: E. Dolet, 1542. In-8°, p. 22.

<sup>5</sup> ALFONSO X, 1980, op cit., p.15, grifo nosso.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>7</sup> Ibidem, ls. 56-60, 8-18, p. 34

<sup>8</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>9</sup> Os maturativos são remédios destinados a acelerar a cocção; os emolientes dissolvem para favorecer a eliminação da matéria mórbida; os endurecivos endurecem os tecidos por congelamento; os aglutinantes e opilativos fecham os poros, tanto os dos órgãos como os da pele; os mondicativos, abrem-nos e purificam; os resolutivos dividem os humores espessos, favorecendo sua eliminação do corpo; os adustivos promovem a destruição dos tecidos; os cateréticos realizam uma destruição mais branda dos tecidos; os repercussivos empurram os humores para o interior do corpo; os alexíteros protegem o corpo contra os venenos e favorecem sua eliminação. Cf. BÉNÉZET, Jean-Pierre. *Pharmacie et médicament en Méditerranée Occidentale (XIII-XVI<sup>o</sup> siècle)*. Paris: Honoré Champion Éd, 1999. p. 458-462.

<sup>10</sup> ALFONSO X, 1980, op. cit., p. 86. Nota: percussivos ou repercussivos são remédios que empurram os humores para o interior do corpo. Grifo nosso.

<sup>11</sup> GALEN. Les facultés de l'âme suivent les tempéraments du corps. In: *GALIEN. L'âme et ses passions: Les passions et les erreurs de l'âme; Les facultés de l'âme suivent les tempéraments du corps* trad. et notes par Vincent Barras, Terpsichore Birchler, Anne-France Morand. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

<sup>12</sup> Galeno dirá, por exemplo, que: “A Natureza é anterior à disposição dos elementos; é ela que os dispõe segundo sejam animais ou plantas. E isso ela realiza em virtude de certas faculdades inatas que possui – atrativa, assimilativa, expulsiva. Depois, ela molda todas as coisas durante o estágio da gênese; e as provê, depois do nascimento, empregando ainda outras faculdades.” Conf. GALEN. On the natural faculties. In: *HIPPOCRATIC Writtings*. Vol. 10. Chicago/London: Encyclopaedia Britannica, Inc. Harvard University Press, 1952. p 173 e seg

<sup>13</sup> ARISTOTE. *De l'âme*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1947. 236p.

<sup>14</sup> ARISTOTE. *Les météorologiques*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1941. 299p.

<sup>15</sup> ARISTOTE. *De l'âme*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1947. 236p.

<sup>16</sup> Ibidem, p 25

<sup>17</sup> Ibidem, p 47

<sup>18</sup> Ibidem, p 25

<sup>19</sup> Ibidem, p 79, grifo nosso.

<sup>20</sup> GALEN, 1952. op. cit.

<sup>21</sup> ARISTOTLE. On Generation and Corruption. In: *The Works of Aristotle*. 26<sup>ed</sup>. Trad. David Ross. Vol. 1. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1984. n. 314 a1-319b4 ; ARISTOTE, *Les parties des animaux*. Trad. Pierre Louis. Paris: Société d'Édition “Les Belles Lettres”, 1956. 193p.

<sup>22</sup> Tanto no sentido do resultado da junção de matéria e forma, quanto naquele em que se diz que algo é aquilo que uma coisa é essencialmente, condição de existência de todas as características que o qualificam.

<sup>23</sup> ALFONSO X, 1980, op. cit., p.39.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 29.